



Economia - Brasil

Se o povo deixar de acreditar, será o fim do Plano Real

Enquanto nos preparávamos, na semana passada, para uma goleada histórica em campo, o governo anuncia uma derrota cujo resultado afeta bem mais a vida do brasileiro: o Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA) ultrapassou o teto da meta, atingindo 6,52% no acumulado dos últimos 12 meses. O mais desapontador não é a política monetária desastrada do governo, com a qual já estamos acostumados, mas as análises do mainstream de economistas do país, que insistem em tratar a inflação como sinônimo de aumento dos preços.

Trata-se de uma completa inversão de causa e consequência. As causas da inflação são sempre as mesmas - expansão dos meios de pagamentos, seja ela de que maneira for. Com o aumento da oferta de moeda, o dinheiro perde seu valor. Precisamos de mais reais para comprar algo porque a moeda vale menos. Simples assim.

Isto, por sua vez, tem também sempre as mesmas origens. Um governo cada vez mais faminto por recursos tem apenas três alternativas: aumentar impostos, se endividar ou criar mais dinheiro. Como aumentos de impostos já atingiram o limite político, abusamos ainda mais das duas últimas alternativas. Pois, se o governo já não mais imprime o dinheiro descontroladamente, o faz indiretamente através de operações de crédito com o mesmíssimo efeito prático. E haja "contabilidade criativa" para jogar tudo para debaixo do tapete.

O povo, quando deixa de acreditar que o governo será capaz de deter a inflação, começa a se dar conta de que os preços amanhã serão mais altos que hoje

Mas, enquanto o mercado pode se fingir de idiota até o limite e os analistas podem continuar completamente abobalhados, as velhas leis monetárias que Mises e Hayek tanto pregavam são implacáveis. E, sem discussão, a inflação está de volta.

São dois grandes perigos imediatos que advém desses equívocos. O

primeiro é que, enquanto continuarmos confundindo consequência com causa, seremos como um médico tratando de sintomas. Receitaremos as mesmas medidas de sempre, como aumento das taxas de juros, intervenções no câmbio, ou, pior, a retenção artificial de preços controlados. É como dar dipirona para tratar um câncer.

A maneira mais evidente de comprovar essa tese é através da constatação de que, em pouco mais de um ano, o Banco Central elevou a Selic de 7,25% para 11%, mas os índices de preço teimaram em não ceder. Enquanto isso, palavras como esforço fiscal, superávit (não apenas primário!) nem entram em discussão e, em um momento de economia estagnada, soam como palavrões horrores sequer dignos de serem pronunciados pelos keynesianos que dominam o país.

O segundo e verdadeiramente mortal perigo advém da constatação de que a inflação voltou a fazer parte do cotidiano da nação. Não atingimos o centro da meta desde 2009 e o governo dá sinais claros de que abandonou completamente a disposição de atingi-la. Mises bem alertava que o povo, quando deixa de acreditar que o governo será capaz de deter a inflação, começa a se dar conta de que os preços amanhã serão mais altos que hoje. As pessoas põem-se, então, a comprar a quaisquer preços, provocando uma alta em níveis tais que o sistema monetário entra em colapso. Esse talvez seja um dos fenômenos mais largamente observados na história da economia mundial. Já aconteceu com o Brasil e, se voltar a acontecer, será o fim do Plano Real.